

A Ironia como Princípio Originário (do pensamento) e Método Desconstrutor (da representação)

Ronaldo E. Ferrito Mendes¹

Resumo: O ensaio em questão visa investigar a *Ironia* como princípio criativo e de questionamento à tradição mimética ocidental, distinguindo-a de seu uso simplório, representativo ou meramente estilístico, para exalçá-la à categoria de método de pensamento e de criação literária. Para tanto, conciliam-se aqui reflexões de filósofos/escritores modernos inaugurais neste tema, como Schlegel e Kierkegaard, e estudos recentes da teoria e crítica literária, especialmente os de Ronaldo de Melo e Souza sobre o romance de Machado de Assis. Procura-se manter a abertura de pensamento própria à reflexão irônica, sem jamais fechar os sentidos desse conceito e os caminhos possíveis de aproveitamento do mesmo, que demonstraremos possuir variação de grau, performático e originário, sendo nosso fito um aprofundamento no segundo sem jamais concluir a descrição de sua complexidade. Apontamos, no desenvolver do conceito, o duplo movimento irônico: o caminho da tradição ocidental metafísica ao qual a tradição da Ironia quer resistir e o caminho poético, criativo que ela promove enquanto método ontológico de questionamento.

Palavras-chave: Ironia – Crítica literária – Poética – Pensamento – Método.

Abstract: This essay aims to investigate the Irony as a creative principle and questioning the Western mimetic tradition, distinguishing it from his representative or merely stylistic simpleton use to raise it to the category of thought and method of literary creation. To that end, here are reconciled reflections of inaugural modern philosophers/writers on this subject, as Schlegel and Kierkegaard, and the recent studies of literary theory and criticism, especially from Ronaldo de Melo e Souza on the novel by Machado de Assis. Here we tried to keep opening our work to ironic reflection thought, without ever closing the meanings of this concept and the possible ways of using the same, which we demonstrate to possess varying degrees, performative and originating, our aim is deepening in the second one, without ever completing the description of its complexity. We aim in developing the concept, its double movement: the path of the Western tradition against which the tradition of irony resist, and the creative or poetic way that it promotes as an ontological method of questioning.

Keywords: Irony – Literary Criticism – Poetic Studies – Thought – Method.

Primeiras palavras

Investigaremos a questão da *ironia* neste breve ensaio, haja vista ser o ensaio, sobretudo, um gênero propositivo e ao mesmo tempo rigorosamente irônico. Digo “irônico”, posto que para além de um resultado peremptório sobre alguma matéria, ele entabula (e ironicamente de maneira rigorosa) um caminho de reflexão cujo fito é mais abrir sentidos e levantar questões do que simplesmente dirimi-los. Conformando-nos a essa tese, podemos dizer inclusive que a ironia mesma constitui a estrutura profunda da sintaxe ensaística. Todo nosso esforço teórico dentro de um ensaio, ainda que rigoroso, não pretende ser uma “última palavra” (ainda que pudéssemos contar com uma extraordinária excelência teórica para isso), mas, ao contrário, tenciona propor a cada instante e obstinadamente possíveis “primeiras palavras” (sempre no plural) para a tematização em questão, qual seja a própria ironia. Isto é, nosso empenho é chegar ao fim de nossa reflexão com mais questões, mais motivações de estudo ou maior desconfiança do que encontramos em nosso ponto de partida. Para isso, porém, são necessários rigor e uma escrupulosa sistematização, respeitando toda reflexão antecedente sobre o assunto em causa, ao mesmo tempo em que não abrimos mão da também necessária liberdade do ensaio. É preciso, neste sentido, arriscar um início, uma teoria mínima

¹ Doutorando (UFRJ/ CNPq)



sobre a *ironia* para, em seguida, desdobrarmos seu questionamento e lhe darmos a liberdade que nos exige duplamente: por se tratar de um ensaio e por se tratar de ironia.

Graus da ironia (teoria mínima)

Precisamos asseverar de antemão que o fenômeno em tratamento é vário e se dispõe em *graus* no que se alude a seus mecanismos lógicos, estruturas epistemológicas e densidade de questionamento. Para não haver confusão em nossa disquisição sobre o tema é urgente distingui-los com precisão, posto que muitos debates e investigações redundem improdutivos e inconsistentes pela falta de clareza e pelo dissenso acerca do nível do fenômeno que está posto sob análise, não reconhecendo em cada grau a diferença de suas estruturas. Determinaremos esses graus em dois a partir da descrição geral de suas complexidades.

O primeiro grau da ironia se encontra numa tradição retórica que negligencia a sua tarefa essencial de questionamento (*eironeia*) (Melo e Souza, 2006, 38). É uma *ironia performática*: um recurso retórico, de expressão, que se espraia também em relações de causa e efeito. Sua estrutura sempre pressupõe uma aparente antítese, que é idealmente falsa, pois se baseia justamente na reversão da negação explícita por seu conteúdo. Seu conteúdo antitético pretende, sobretudo, reafirmar o da tese contra qual aparentemente se volta. É o negativo que sempre tem em vista afirmar a posição já dada, o positivo implícito. Nega para afirmar simploriamente, e portanto, sem questionamento real ao *status quo* de uma positividade. Articula-se na divergência entre o explícito da declaração e o implícito que ela quer significar, encerrando-se às vezes em um simples segmento, funcionando independente da totalidade do texto. Pode se dar ainda em uma falsa oposição lógica, ainda que aplicada a um nexos causal, onde se alcança um efeito que frustra opositivamente a intencionalidade da causa, mas não a causa propriamente, reforçando a coesão lógica. Seria aquela ironia diante de um resultado inesperado, que não põe em perigo, todavia, sua causa nem a questiona de fato, senão a reafirma. Não podemos confundir tal “resultado inesperado” com o “jogo da ironia do mundo com o indivíduo”, colocado por Kierkegaard, em sua análise do *Lucinde*, de Schlegel (Kierkegaard, 1991, 259). Embora Kierkegaard tenha tentado reputar com baixo quilate tal obra de Schlegel², a análise de *Lucinde* pertence a outro grau da ironia – mais alto – e sua

²Para melhor justificarmos e até mesmo estendermos ainda mais nossa acusação à Kierkegaard sobre a baixa consideração que confere a Schlegel no assunto em causa de seu livro, a saber, a própria questão da ironia, interpolamos aqui o que consideramos uma injustiça daquele em relação a este. Uma injustiça contraproducente, sobretudo, para a própria pesquisa do filósofo norueguês, que gastou algumas páginas com uma obra do alemão que pouco ou quase nada representava do que o poeta havia pensado e formulado teoricamente sobre o conceito de ironia. A nosso ver sobre esse tema, muito mais representativos que *Lucinde* são os textos críticos do escritor alemão e seus fragmentos compilados nos seus *cadernos literários* e nos seus *Anos de aprendizagem filosófica*, também publicados em periódico literário de sua época, como a revista *Athenäum*, dirigida pelo mesmo – o que excluiria a hipótese de Kierkegaard não ter acesso a tais escritos e de estarmos fazendo uma exigência anacrônica. Nossa acusação de injustiça é precisamente a de que Kierkegaard, sem motivos justos aparentes, negligencia o que de melhor Schlegel nos oferece como contribuição à investigação sobre a ironia, para recolher um romance que lhe serve somente para diminuir a importância de seu autor no assunto. Enfim, por tal discussão



diferença é patente, pois nos mostra uma inversão que não é lógica nem causal, mas de todo existencial, cuja disparidade se dá na própria natureza do indivíduo, não enquanto conteúdo meramente lógico e externo. Contrariamente ao nível irônico investigado em *Lucinde*, precisamos notar que, na ironia da relação causal, o efeito apenas cria uma distância retórica cuja finalidade é fortalecer (nunca enfraquecer) a tese inicial, sem ser de fato considerado (o efeito) como sua oposição ou superação. Podemos entendê-la como uma antítese cujo conteúdo antitético se iguala ao conteúdo tético – recrudescendo-o ideologicamente. Neste grau rasteiro da ironia, a negação (antítese) atualiza implicitamente a ideologia da posição (tese) – o questionar, que é a tarefa mais radical do irônico, é obliterado por seu uso apenas performático e enfático. É o *grau performático da ironia*.

Num outro nível, a ironia se dá enquanto questionamento inerente à própria produção narrativa e crítica. Sua estrutura se organiza como questionamento frente à tese que se coloca, sem jamais reafirmá-la, sem ao mesmo tempo pretender apenas negá-la. O questionar aqui passa a ser o vigor poético pelo qual se desdobra toda a narrativa, que se mune então de uma consciência aporética como guia: a consciência da “impossibilidade e necessidade de uma comunicação total” (Melo e Souza, 2006, 42). Ao analisar o romance de Machado de Assis, em seu livro *O Romance Tragicômico de Machado de Assis*, Ronaldo de Melo e Souza alicerça sua tese no fragmento 668 de F. Schlegel, em sua obra *Anos de aprendizagem filosófica*, que diz: “A ironia é uma permanente parábise” (apud. Melo e Souza, 2006, 36). A função parabática é, portanto, entendida como essência da ironia, de tal modo que o próprio narrador irônico se torna o coro (parábise) que se volta criticamente ao seu dizer. É narrador e é crítico do discurso narrativo para garantir a impossibilidade de um olhar hegemônico e total sobre os eventos narrados. Este grau da ironia é originário – jamais acidental ou fortuito – no processo de produção da obra, pois a perpassa do princípio ao fim como força poética, gerativa. Esse grau é, outrossim, aquele visto por Kierkegaard na maiêutica de Sócrates, no seu livro *O Conceito de Ironia – constantemente referido a Sócrates*. Para o filósofo, Sócrates é o máximo exemplo do interlocutor irônico, pois conduz todas as opiniões (teses) alheias até uma aporia investigativa, sem jamais repousar a discussão em alguma certeza, ou em uma última palavra. Ele mesmo não apresenta soluções às questões que levanta, nem sequer uma antítese que pudesse se fixar como alternativa às teses que questiona, pois tão logo apresente seu conteúdo antitético, o rejeita, forçando a manutenção de um questionar permanente. O irônico, segundo Kierkegaard não tomaria para si nenhuma tese, mas levantaria todas em discussão para questioná-las. É nesse movimento de deixar-se continuamente sem chão, mas tendo a necessidade inexorável de pisar, que o irônico se equilibra. Deste modo, a mesma

que levantamos ter mais pertinência a uma crítica à obra de Kierkegaard e menos diretamente ao nosso assunto, encerramos a nossa interpolação, sem deixarmos de supor algum ressentimento de Kierkegaard em relação a Schlegel nessa sua análise de *Lucinde*. Permanecemos entendendo assim, pelo menos enquanto não conhecermos uma explicação suficiente para tal escolha, não aceitando também aquela banal de que *Lucinde* era um romance popular que necessitava de alguma desmistificação de qualidade, pois tal demérito (se o há de fato) poderia ser apontado por Kierkegaard, com melhor lugar, em outro trabalho.



ironia que desdobra, desde sua origem, a narrativa machadiana é também a essência do exercício e da tarefa do pensar em Sócrates. Em ambos os casos, vemos o *grau originário da ironia*, cuja tarefa é obstar uma visão única do real, mostrando-o em suas múltiplas possibilidades de realização, lançando-nos em uma reflexão de origem alheia aos paradigmas dicotômicos dos discursos, tais como verdadeiro/falso; mal/bem; real/irreal; racional/irracional etc. A ironia, neste sentido mais radical, é um princípio poético permanente, *moto continuum* da criação e do pensamento.

Toda investigação mais rigorosa sobre esta matéria deve, portanto, assestar esse grau alto da ironia, que, em conformação com Kierkegaard e Schlegel, é essencialmente um questionar incessante. O sentido grego de ironia (*eironéia*) é justamente este: “questionamento” (*éiromai*)³. Evidentemente, percebemos que é preciso investigar em que sentido se pode entender essa tarefa irônica do questionar que não se encerra no sentido rotineiro de uma simplória pergunta ou indagação que podem se satisfazer com uma imediata resposta. Temos que investigar explicitamente a questão da ironia enquanto um questionar que é capaz de se estabelecer como princípio poético originário de uma atividade radical que é tanto arte (literária) quanto pensamento e, por conseguinte, um princípio destruidor da fixação de conceitos e das pretensões totalitárias da representação em qualquer investigação.

Para essa empresa de averiguar a ironia como princípio originário e ao mesmo tempo de destruição, temos que diferenciar dois caminhos de confrontação com o real e de seu aprendizado, um que ela origina e outro contra o qual ela se volta. Podemos, assim, distinguir a via do conhecimento e a via do questionamento, construindo este a ironia se volta contra aquele. Mas como se definem essas duas vias em nosso aprendizado deve ser agora exposto para entendermos quais são os ganhos e as vantagens de assumirmos a ironia como método de pensamento e narrativa, segundo seu sentido mais elevado.

Organizaremos em duas partes nossa reflexão, pelas quais pretendemos demonstrar a diferença entre tais dois caminhos (o do conhecimento dado pelas representações e o do questionar originário, poético). Assumiremos para isso uma interpretação poética da ironia, posto acreditarmos que somente assim poderemos de fato entender qual deveria ser seu sentido mais decisivo na história do pensamento ocidental. Se a ironia é questionamento, tentaremos entender como esse questionar pode nos levar a uma direção oposta ao que a tradição metafísica tenta fixar obstinadamente como tarefa de aprendizado e investigação. Devemos, então, perceber primeiro contra o que a ironia se volta, que caminho ela pretende destruir com seu método do questionar, para em seguida compreendermos o caminho que ela nos propõe e sua consequente novidade.

³Uma possível forma para tal questionar também seria *eironéuomai*, derivada diretamente da morfologia do substantivo e que equivaleria ao nosso verbo “ironizar”. Tal verbo mostra, porém, certo desgaste de sentido (semântico e de vigor crítico) em relação àquele originário que mencionamos devido à sua utilização linguageira mais superficial.



O caminho a ser desconstruído/destruído (a via do conhecimento ou o aprendizado das representações)

Nesta primeira via de aprendizado/investigação do real, contra a qual pretende se voltar o método irônico, pressupõe-se invariavelmente um sujeito (aquele que aprende, ‘aprendedor’) que busca *conhecer* as determinações de um objeto (aquilo que deve ser ‘aprendido’) até então desconhecido. Nesse processo de determinação do objeto, vigoram, sobretudo, as relações e as pretensões da *representação* de algo. Essas relações e pretensões, além de engendram o próprio objeto, compreendem conjuntamente as formas, os processos de análise e as significações com as quais o sujeito o entende, o apreende, e a partir das quais pode experimentá-lo, raciociná-lo. Essas relações determinam, portanto, o próprio sujeito, que deve ser igualmente estruturado no circuito fechado das representações. Forma-se assim o “aprendizado das representações”, ao qual nos confrange essa primeira via. Nele, sujeito e objeto perfazem uma estrutura viciosa nos limites das representações. Tal aprendizado/investigação tem como meta magna dar ao aprendiz apenas a capacidade de representar, de dar complexidade representativa às coisas que ele arrosta e sobre as quais deseja refletir, proscurendo, porém, dessa sua reflexão aquilo que – não podendo ser jamais representado – é a *condição de possibilidade* de toda representação e todo aprender. Constatamos o aprendizado das representações, para as representações e a partir das representações. Pelo representar, limitamos e separamos os domínios analíticos da coisa aprendida, determinando-a no *corpus* representativo de cada disciplina. A disciplina é o seio e o sustento de um representar onde a representação é tudo. Todavia, no pensar originário da ironia não é assim: o que no pensamento torna possíveis as representações da coisa não se pode representar, sem se declarar, ao mesmo tempo, um esgotamento – do pensar e da coisa. Assim, esquece-se, na via do conhecimento, que todo ato de representar pressupõe ironicamente o não representável que o faculta e, consecutivamente, deve considerar o inesgotável do pensamento. Representar deveria implicar a reserva do ser ao *não saber*. Quando, porém, insistimos no *saber* promovido pelo aprendizado das representações, é natural ignorarmos que algo do que é (do ente) se reserve oculto, isto é, não seja. A via do conhecimento, ao negligenciar a relevância dessa reserva, promete trazer à luz do *saber* um objeto para ser apreendido com a pretensão de dissipar a obscuridade do *não saber* que o afasta da apreensão. Fazer do ser uma entidade do saber, poderíamos dizer assim, é o equívoco no qual se fia esta primeira via de investigação que a ironia quer destruir. Nela, a investigação ruma do abandono do *não saber* em direção ao *saber* enquanto representação, considerando esta última o conhecimento que estabelece o fundamento e a medida para um juízo do sujeito sobre a coisa investigada. O investigar, assim, é sempre mais saber, nunca menos. Saber menos seria, pois, uma fraqueza no aprendizado das disciplinas, já que o seu intento teleológico é dominá-las ao máximo, enriquecendo-se de suas representações. Nesse desiderato obstinado, representar é sua ambição. Como consequência, a hierarquia do saber se



escalona e, dos que sabem mais para os que sabem menos, o saber é transmitido. Espera-se, com esse aprendizado epistêmico, que o *saber* seja o fundamento responsável por reunir o mestre e seus aprendizes a partir de uma fala comum à qual todos dão continuidade e consistência, mas para qual o silêncio do *não saber* é uma ameaça inexorável. O investigar/aprender do conhecimento não tolera o *silêncio*, pois não foi educado para a *escuta*. Quer sempre anunciar a uma última fala, dar a última palavra, silenciar o silêncio com o seu discurso.

A ironia, porém, não permite a última fala, senão somente e sempre uma primeira, sempre primeiras falas ao longo de todo aprendizado e investigação. O que proporia, então, o seu caminho de questionamento, o questionar irônico?

Caminho irônico (via do questionar/pensar originário)

Se para a primeira via a ser destruída, representar é a ambição; para a via do questionamento (*ieronéia*), pensar é a tarefa. É necessário, porém, considerarmos que *saber* e *não saber* são inerentes ao próprio ente. Um não poderia se dar sem a participação efetiva do outro. Toda representação, portanto, implica o que se mostra, para o saber, e o que se reserva como condição de sua possibilidade, aquilo que permitiria qualquer representação, mas não poderia ser ele mesmo representado. O sentido que não pode ser representado a cada representação é a ambição do *pensamento* no caminho irônico. Diante disso, devemos entender, portanto, que a diferença essencial entre o caminho do conhecer e o do questionar assiste em uma decisão essencial que só encontramos neste último: decide-se pelo pensar. Questionar é, essencialmente, pensar: buscar o sentido, que se ofusca a cada representação. O rumo nesta via irônica é, pois, do *saber* em direção ao *não saber* como sentido. Não se trataria aqui de eliminar todos os conceitos formulados nas representações do ente, supostos nas entificações do nada, mas de questioná-los, colocá-los na pendência pensante da questão. Pensamos o sentido quando colocamos o que é (ente, sendo) em questão e não quando o determinamos em conceitos. Diferente do conceito, a questão guarda o silêncio pela *obediência* ao não saber. O conceito quer resposta, a questão é essencialmente pergunta (não a simplória pergunta que quer ser respondida, mas *ieronéia*). Questionar nos conduz a uma busca, inconclusiva, pelo que nunca se nos mostrará plenamente, pois do sentido do ser de todo ente não podemos nos aproximar, só nos *afastar*. Ao arriscarmos a aproximação, experienciamos o *afastamento* de quem tenta arrostar o incontornável – um movimento essencialmente irônico. Esse afastamento é, porém, um presente dado a nós. Nele ganhamos algo. Somos presenteados com a presença de uma ausência, essa ausência desdobrada em presença, pela qual recebemos tudo, já que recebemos *nada*. Aprendemos, com o questionar, *escutando* o que se ausenta e silencia em *tudo*, o que se coloca como *negativo* a qualquer *posição* do sujeito sobre o objeto. O aprender do *nada* é o aprender do sentido. Do sentido, e por isso do nada, aprendemos a escuta do que não é: do silêncio originário que atravessa os



malogros da representação. Não poderíamos fazer aparecer, pela representação do que é, o sentido do ser, uma vez que o sentido, simplesmente, não é – como o nada não é. Não se pode representar o que não é. Esse procedimento nos ofereceria, na melhor das hipóteses, um *paradoxo do sentido*, devido às mais várias e inversas manifestações positivas do mesmo. Um paradoxo, porém, é uma representação racional do que a própria razão não compreende ou suporta, é uma falsa representação do ser, não é ironia. Questionar para aprender, contudo, implica o nosso desapego – das representações – de modo a estarmos livres para as reservas do sentido.

Primeiras palavras (no lugar da “última palavra”)

No aprendizado irônico do questionamento, é a dinâmica do pensar, de seu constante movimento de *ser e não ser* representação, o que nos resta. E resta porque é tudo, não por uma carência. O pensar, por esse movimento, se mostra como uma realização própria do sentido: ambos acontecem nas imbricações do *limite e não limite*, do *saber e não saber*. Neste caminho irônico, busca-se o ilimitado através do limite, busca-se o sentido renunciando ao que se sabe. Ao contrário do que víamos na via do conhecimento, no *questionar (éiromai)*, quem sabe mais também é o que sabe menos, pois aprende pelo nada.

A ironia é, sobretudo, o exercício do pensar, que tem por inevitável tarefa (em face de uma tradição que perpetuou como perspectiva hegemônica *representar conceitualmente o real* em todos os âmbitos da investigação teórica, filosófica e artística) a destruição do conhecimento metafísico que se quer uma totalidade representativa excludente e definitiva. Até onde podemos entendê-la.⁴

Referências

- CASTRO, Manuel Antonio de. *O Acontecer poético*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- _____. *Crítica e História literária*. In: Eduardo Portella (org.). *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. *A origem da Obra de Arte*. Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antonio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.
- HORTA, Guida Nedda B. P. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

⁴ Parte deste ensaio foi base de outro ensaio também de nossa autoria, que tematiza a questão do “aprendizado do conhecimento” em oposição ao “aprendizado do questionamento”, que será publicado, junto a ensaios de outros autores, no livro “Convite ao pensar”, organizado pelo Professor Dr. Manuel Antônio de Castro.



KIERKEGAARD, Soren A. *O conceito de Ironia – constantemente referido a Sócrates*. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Apresentação*. In: Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

YARZA, Florencio I. Sebastián. *Diccionario de Griego-Espanõl*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1943.

